



Poços de Caldas

3º Congresso Nacional de Educação

MÉTODO HISTÓRICO NA HISTORIOGRAFIA INGLESA (1898-1902)

Fundamentos da Educação: História, Filosofia e Sociologia da Educação

Amanda de Matos Pereira *

Resumo

Este trabalho foi um resultado de pesquisa que teve como objetivo compreender os diferentes “conceitos” de método histórico utilizados pelos historiadores da historiografia inglesa, nos anos finais do século XIX e início do século XX (1898-1902), em periódicos de teoria e metodologia da história, usados na formação de profissionais universitários na área. Para tanto, foram catalogados os termos (designações) - “método” [*Method*], “metodicamente” [*Methodically*], “metódico” [*Methodic*], “método” [*Methodical*], “metodismo” [*Methodism*] e “metodista” [*methodist*] em impressos que veiculavam reflexões metahistóricas, no referido período. Nos resultados, coube analisar algumas teses que, defendidas pelos historiadores da historiografia inglesa, sobre o objeto “método histórico”, enumerou que o conhecimento dos diferentes propósitos dos autores gerou caminhos distintos, nomeados por listas de habilidades e valores nomeados por diferentes designações.

Palavras-chave: Método Histórico. Teoria da História. Didática da História. Historiografia Inglesa.

*Mestranda em educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação pela Universidade Federal de Sergipe/Bolsista Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

Introdução

Este trabalho foi resultado de uma pesquisa que teve como objetivo compreender os diferentes “conceitos” de método histórico utilizados pelos historiadores da historiografia inglesa, nos anos finais do século XIX e início do século XX (1898-1902), em periódicos de teoria e metodologia da história, usados na formação de profissionais universitários na área. Para tanto, foram catalogados os termos (designações) - “método” [*Method*], “metodicamente” [*Methodically*], “metódico” [*Methodic*], “método” [*Methodical*], “metodismo” [*Methodism*] e “metodista” [*methodist*] em impressos que veiculavam reflexões metahistóricas, no referido período.

Na pesquisa surgiu o desconforto no primeiro contato com esses impressos, tendo em vista a imensa quantidade de designações aplicadas pelos historiadores ingleses, que não conseguiam chegar a um mínimo denominador para fundamentar a didática da história sobre o conceito de “método histórico”.

Já nesse período, podemos perceber a crise de paradigmas que essa falta de consenso provocou no campo do ensino da história entre os historiadores. Segundo Flamarion (2005, p.151) essa crise desencadeou debates marcados pela proclamação de “mortes” e “fins”. Esses debates versavam especialmente, sobre a morte do homem, morte das ideologias, fim dos sistemas explicativos holísticos, fim da história, etc. Sendo que, esse fato correspondeu substantivamente, ao pessimismo epistemológico (teoria do conhecimento), que alcançou o pós modernismo, assim como também elevou a máxima importância dessa discussão no mundo ocidental, sobre o que o ensino estaria a dever a epistemologia histórica, entre 1884 e 1904.

E para tratar da cultura dominante desse grupo de historiadores ingleses, exploramos aqui o estudo do campo acadêmico. Segundo Bourdieu (1974, p. 296-297) um espaço social de campo abstrato de posições e relações, nos revelam agentes específicos que buscam prestígios. As regras são atribuídas ao agente que ganha autoridade nesse campo de disputa de espaço. Esse agente seleciona o que é sagrado e profano. O grande prêmio de quem detém o poder, consiste no acúmulo de capital.

Foi tomado também o conceito designação de Koselleck (2006, p. 108-109). Para Koselleck, “todo conceito se prende a uma palavra” (“designação”). A redefinição de significados lexicais na diacronia e o seu emprego com certo grau de generalidade e a identificação de permanência, transformações e inovações, são elementos do domínio da história dos conceitos com os quais comungamos nessa pesquisa.

Metodologia

Os impressos² selecionados para essa pesquisa foram às revistas: *The Ancestor* (1898-1902) pela (*University of Toronto*), *The Commonwealth & Empire* (1902) também pela (*University of Toronto*) e *The English Historical Review* (1902) pela (*University of Oxford*). Esses periódicos passaram a circular na Inglaterra, nos anos finais do século XIX ao século XX, e abordaram a história interdisciplinar, ou seja, versavam sobre temáticas que permeavam entre a história clássica a história moderna. Em meio a esse propósito de domínio

²As edições originais foram dos periódicos foram prioridades nessa pesquisa. Tendo como endereço de acesso: [https://archive.org/search.php?query=review%20the%20ancestor/https://archive.org/search.php?query=english%20historical](https://archive.org/search.php?query=review%20the%20ancestor/https://archive.org/search.php?query=english%20historical;);

entre os historiadores para definir o método histórico, a busca pelo significado dos termos, surgiu como o modelo de busca nos periódicos com a unidade “Method”, que nos revelou também as designações usadas pelos historiadores - *Methodically*, *Methodic*, *Methodical*, *Methodism* e *Methodist*.

A consulta a essas fontes foi realizada no site mantido pelo Arquivo Nacional Inglês (ArchiveBritain: No qual utilizamos o modelo de busca: Grã-Bretanha – Periódicos da História, (*GreatBritain - HistoryPeriodicals*).

No inventário construído através dos periódicos, privilegiamos as fontes empregadas por todos os historiadores ingleses para garantir o controle intersubjetivo na seleção de uma amostra representativa sobre o que revelavam esses achados sobre o ensino de história (1898-1902). Ao todo foram analisadas 30 revistas das quais nos apresentou 42 autores. O programa para organizar as designações encontradas nas revistas (“método” [*Method*], “metodicamente” [*Methodically*], “metódico” [*Methodic*], “método” [*Methodical*], “metodismo” [*Methodism*] e “metodista” [*methodist*]), foi o sistema operacional Microsoft Access.

Nesses periódicos, alguns dos principais autores das fontes estudados foram: Edward (1898), Barron (1899), Round (1901), Bird (1902) e Dicey (1902); sendo considerados os autores que mais exploraram as designações nos textos que aqui analisamos.

O uso estatístico também foi um importante recurso metodológico. Recurso esse necessário devido a gama de autores e dados com os quais nos deparamos nessa pesquisa

Resultado e discussão

Os historiadores ingleses estudados nessa pesquisa buscaram se fortalecer, como um grupo majoritário de profissionais conservadores. Historiadores esses convictos do modelo ortodoxo de contar a história, amparados na base empírica do conhecimento histórico, estabelecendo uma “historiografia prática” que serviu como instrumento para legitimar um “cânone” de uma história vista como oficial por eles, muito voltada ao valor documental, para se chegar à verdade dos acontecimentos históricos.

Em meio a um momento de queda de concepções históricas no mundo ocidental (1884-1904), procuramos refletir sobre a existência de uma comunidade de escritores ingleses, que insistiam na sobrevivência de um método universal que pudesse fundamentar a didática da história, mas que, ao mesmo tempo, não conseguiam provar sua existência. Prova disso, foram os “caminhos” tomados pelas designações usadas na narrativa dos historiadores aqui analisados que, resultaram em diversos significados revelados na palavra “método”, demonstrando rara sinonímia e bastante ambiguidade. Portanto, na tentativa de fundamentar um método apontando a crítica de fonte, os historiadores ingleses se deparavam cada vez mais numa filosofia da história que, em 1880, foi cada vez mais rejeitada por diversos historiadores que buscavam definir um método histórico (século XX).

Conclusões

Nessa pesquisa tentamos demonstrar que os diferentes propósitos orientados por diferentes concepções de História (paradigmas) geraram planos variados que informaram implicitamente sobre a natureza e o lugar do “como fazer” (método) nas fontes empregadas pelas histórias da historiografia inglesa.

Percebemos através dos historiadores ingleses, a tentativa de codificar um método que pudesse fundamentar “uma didática universal”. E que esses estavam exagerando ao falar de um “cânone” para a “crítica” ou para o “método histórico”.

O que pensamos ser relevante não é a busca pela origem do método ou pela defesa dos seus elementos canônicos. O importante foi investigar as condições de possibilidade dos processos de replicação desses formatos (designações) e as implicações desses na constituição de um saber hoje chamado de Didática da História.

Referências

BLOCH, Marc Leopold Benjamim; TELLES, André (Trad.). **Apologia da história, ou, O ofício de historiador**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2002. 159 p.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974. 361 p.

CARDOSO, Ciro Flamarion S; VAINFAS, Ronaldo ((org.)). **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997. Campus 508 p.

HABERMAS, J. **O discurso filosófico da modernidade**. Lisboa: D. Quixote, 1990.

KANT, I. **Sobre a Pedagogia**. Trad. de Francisco C. Fontanella. São Paulo. Editora: Unimep, 1999. 107 p.

KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006. 366 p.

